


A man in profile, wearing a green headwrap and a white patterned jacket, stands on a grassy hillside. He is looking towards the right, where a cityscape is visible in the distance under a blue sky with scattered clouds. The title 'LÁ DO LESTE' is overlaid on the right side of the image.

LÁ DO LESTE

Uma etnografia audiovisual compartilhada

Carolina Caffé e Rose Satiko Gitirana Hikiji

HUMANITAS



Carolina Caffé é cientista social e documentarista. É coordenadora executiva da Área de Comunicação e Mídias Livres do Instituto Pólis, e técnica da Área de Cultura, onde produziu o *Mapa das Artes da Cidade Tiradentes*. É co-diretora de *A Arte e a Rua* (2011) e *Lá do Leste* (2010), e dirigiu também *A Caminho da Copa* (2012) e *Litoral Sustentável* (2012).

Rose Satiko Gitirana Hikiji é professora do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e vice-coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP (LISA). Além da co-direção de *A Arte e a Rua* e *Lá do Leste*, dirigiu *Cinema de Quebrada* (2008), *Pulso, um vídeo com Alessandra* (2006) e *Microfone, Senhora* (2003), entre outros filmes etnográficos. É autora dos livros *Imagem-violência – Etnografia de um cinema provocador* (2012) e *A música e o Risco* (2006) e co-organizadora dos livros *Imagem-Conhecimento* (2009) e *Escrituras da Imagem* (2004).

Carolina Caffé
Rose Satiko Gitirana Hikiji

LÁ DO LESTE

Uma etnografia audiovisual compartilhada

HUMANITAS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor

Sérgio França Adorno de Abreu

Vice-Diretor

Modesto Florenzano

HUMANITAS

Presidente

Francis Henrik Aubert

Vice-Presidente

Ieda Maria Alves

HUMANITAS

Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária

05508-080 – São Paulo – SP – Brasil

Telefax: 3091-2920

e-mail: editorahumanitas@usp.br

<http://www.editorahumanitas.com.br>

Proibida a reprodução parcial ou integral desta obra
por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por
processo xerográfico, sem permissão expressa do editor
(Lei nº. 9.610, de 19/02/1998).

Catálogo na Publicação

Divisão de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C129L	Caffé, Carolina. Lá do leste [livro eletrônico] : uma etnografia audiovisual compartilhada / Carolina Caffé, Rose Satiko Gitirana Hikiji. – São Paulo : Humanitas, 2013. 3072 Kb ; PDF ISBN 978-85-7732-214-5 (e-book) 1. Antropologia visual (São Paulo) 2. Etnografia 3. Periferia (Aspectos culturais) I. Hikiji, Rose Satiko Gitirana II. Título. CDD 306.47
-------	---

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei nº 1.825, de 20/12/1907)

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Março 2013

SUMÁRIO

Bastidores de uma etnografia audiovisual em Cidade Tiradentes	04
Cidade Tiradentes em auto-construção: sobre nossas obras	06
Mapa das Artes da Cidade Tiradentes	06
<i>Lá do Leste e A Arte e a Rua</i>	08
Exibições e debates	09
Personagens.....	12
Cena 1 – A arte e a rua	15
Cena 2 – Elefante branco	19
Cena 3 – All city	23
Cena 4 – Muros invisíveis	27
Cena 5 – Permissão	31
Cena 6 – Buraco branco	35
Cena 7 – Modinha	39
Cena 8 – Crime	43
Cena 9 – Viver é Cristo, morrer é lucro	46
Cena 10 - Mulher	49
Cena 11 – O pão	53
Cena 12 – Utopia	57
Cena 13 – Nós e eles	60
Referências bibliográficas	62
Créditos	63

Bastidores de uma etnografia audiovisual em Cidade Tiradentes

Em Cidade Tiradentes, distrito localizado no extremo Leste da cidade de São Paulo, vivem cerca de 220 mil pessoas. Criado pelo poder público, nos anos 1980, como “cidade-dormitório” para famílias de baixa renda, o distrito abriga hoje o maior conjunto habitacional popular da América Latina.

Em 2009, começamos uma pesquisa sobre práticas artísticas em Cidade Tiradentes. Convidamos alguns artistas-moradores para compor a equipe deste mapeamento. Foi nosso primeiro contato com alguns dos protagonistas das histórias que contamos nos materiais deste livro multimídia.

De lá para cá, fizemos um site interativo a partir de uma pesquisa participativa com intervenções no território – o Mapa das Artes da Cidade Tiradentes (www.cidadetiradentes.org.br) – dois documentários – **Lá do Leste** e **A Arte e a Rua** – e escrevemos artigos que estão publicados em revistas e livros. No DVD que acompanha este livro, é possível assistir aos filmes e aos debates que sucederam seus lançamentos.

Em quatro anos conhecendo Cidade Tiradentes a partir de seus artistas – de suas obras, suas inquietações, de nossas conversas, da produção conjunta de pesquisas e filmes – fomos construindo um mosaico de imagens, sons, cores, formas, ideias, frases, sonhos, dúvidas e conflitos. As peças desse mosaico não são fixas. Nem finitas. Mudam de lugar conforme o ponto a partir do qual olhamos Cidade Tiradentes.

Para o texto deste livro, recolhemos algumas dessas peças e as dispusemos em forma de *cenar* e *bastidores*. Nesse roteiro “às avessas”, escrito quando o filme já está no mundo, estão em *cenar* os protagonistas da arte de rua em Cidade Tiradentes, personagens nada fictícios que experimentam as transformações dessa arte e do próprio território.

Conversas e discussões que tiveram lugar em todo o processo de nossa experiência em Cidade Tiradentes, desde 2009 até as sessões de lançamento dos filmes, constituem a matéria-prima dos *bastidores*. Aqui, a escrita toma emprestado do cinema o método da montagem, aproximando



enunciados realizados em tempos e locais diversos, fazendo interagir no texto atores que não necessariamente se encontraram fisicamente. Nossa contribuição para a fabricação do mundo, ficção, no seu sentido pleno.

Jean Rouch, um antropólogo-cineasta francês, que trabalhou por seis décadas no continente africano, realizando filmes com seus amigos a partir de histórias que eles quiseram contar, dizia que a ficção era por vezes a melhor maneira de penetrar a realidade. O cinema era, para Rouch, a única forma possível de compartilhar a antropologia, de produzir conhecimento *com* as populações que pesquisava, de apresentar aos seus interlocutores os resultados de sua pesquisa.

Partindo desse projeto rouchiano, o que vislumbrar para a antropologia a partir da multiplicação das novas possibilidades de produção e compartilhamento de informações nos dias de hoje, com as tecnologias digitais em constante desenvolvimento? Momento em que “compartilhar” torna-se categoria nativa no mundo virtual, verbo tão popular quanto “curtir” em tempos de Facebook. As redes e plataformas virtuais e os instrumentos mais acessíveis de captação de imagem e som são peças-chave nas transformações que se processam no mundo hoje e no trabalho audiovisual antropológico.

A cartovideografia (Mapa das Artes da Cidade Tiradentes), os filmes etnográficos e este livro são experiências de troca de informação e de produção de olhares sobre a vida nas periferias em coautoria com seus artistas-moradores.

Neste projeto coletivo, a etnografia audiovisual pode ser pensada também como forma de contribuição para uma participação mais efetiva dos artistas e moradores dos distritos periféricos nos processos de reflexão e decisão sobre o destino de nossa cidade.

A apropriação do Mapa das Artes da Cidade Tiradentes, dos filmes etnográficos e deste livro pelos artistas é parte do projeto de Antropologia Compartilhada que fundamenta nossas pesquisas. Esperamos que os materiais que criamos juntos ecoem nos processos de comunicação de dentro para fora (e de fora pra dentro) “do gueto”. Que colaborem para a defesa e para o fortalecimento de uma arte pública, integrada com seu território, e que sirvam como peças estratégicas nas disputas que envolvem a produção e o consumo da arte na cidade.



Cidade Tiradentes em auto-construção: sobre nossas obras

Esse livro reúne resultados de pesquisas que tiveram início em 2009. Nas próximas páginas, estão em cena atores da arte urbana de Cidade Tiradentes com os quais tivemos contato desde a produção do Mapa das Artes da Cidade Tiradentes até o lançamento do filme **A Arte e a Rua**. No DVD encartado neste livro é possível conhecer as demais obras desse processo de produção de etnografias audiovisuais compartilhadas, que se apropriaram dos meios de (re)produção de imagens e sons e das tecnologias digitais e virtuais para realizar a investigação e promover a criação colaborativa do conhecimento.

Mapa das Artes da Cidade Tiradentes

O primeiro produto de nossas pesquisas foi o Mapa das Artes da Cidade Tiradentes, fruto do projeto *Cartovideografia Sociocultural da Cidade Tiradentes*, promovido pelo Instituto Pólis com apoio do Centro Cultural da Espanha em São Paulo. O objetivo do projeto foi, em seus próprios termos, “contribuir para o fortalecimento da cidadania cultural dos moradores da Cidade Tiradentes, revelar e potencializar os saberes, fazeres e poéticas culturais do bairro pela ampliação da visão dos próprios agentes locais sobre suas práticas”.

A *Cartovideografia* mobilizou um grupo de artistas moradores da região, com a finalidade de promover um intercâmbio de conhecimento sobre as práticas culturais do território com base na metodologia da ausculta audiovisual, que previa “provocar, no sentido de estimular, as narrativas próprias dos atores locais, de forma a substituir as tradicionais entrevistas com questionários”. O intuito era “desvelar as diferentes identidades e subjetividades locais, suas afetividades e conflitos”.

Os textos, fotos e vídeos produzidos ou recolhidos pelos pesquisadores-moradores junto aos artistas da localidade foram postados no mapa virtual interativo www.cidadetiradentes.org.br. O site apresenta esses materiais utilizando-se da tecnologia *Mashup*, que cruza plataformas virtuais



como Google Maps, YouTube, Flickr para criar um novo serviço personalizado. Organizado sobre um mapa físico e geográfico do distrito da Zona Leste, nele é possível localizar pessoas, grupos, espaços e eventos relacionados às linguagens da música, dança, audiovisual, artes plásticas, literatura e teatro. Os olhares dos artistas locais sobre temáticas como trabalho, juventude, arte, poder público, entre outras, são apresentados no site em *tags* audiovisuais. O mapa também apresenta a forma por meio da qual os moradores de Cidade Tiradentes organizam o espaço: em 22 setores, nomeados pelos moradores que lá chegaram na década de 80, vindos de diversos cantos da cidade, muitos deles removidos de regiões centrais da cidade em função de processos de especulação imobiliária.

O intuito do Mapa das Artes é fazer que as produções e espaços culturais do distrito possam ser conhecidos e valorizados pelos seus próprios habitantes, fortalecendo, assim, a cidadania cultural local, a economia solidária, a produção colaborativa em rede, a defesa do espaço público e do bem comum, e a comunicação entre artistas, produtores locais e moradores.

No processo do mapeamento constituiu-se a Rede de Artistas da Cidade Tiradentes, grupo de artistas e ativistas interessados em organizar reivindicações ao poder público local, pensar melhorias para a produção e consumo cultural do distrito e refletir sobre soluções criativas para os desafios enfrentados.

A história de vida de cada um dos pesquisadores envolvidos no projeto foi o ponto de partida para a produção do mapa que considerou, entre os principais critérios de reconhecimento das práticas artísticas da região, a subjetividade dos pesquisadores.

Nascidos, em sua maioria, na década de 1980, os artistas pesquisadores têm forte vínculo com o Hip Hop. Tal movimento, que hoje não é hegemônico no distrito – que experimenta a “invasão” do funk – é fortemente representado no Mapa das Artes. A significativa presença dos grupos artísticos mais politizados e ligados ao Hip Hop pode ser entendida como resultado direto da relação dos pesquisadores-moradores com a história e as transformações do distrito, em especial da arte de rua, da organização das práticas culturais e da sociabilidade nos espaços públicos.



Lá do Leste e A Arte e a Rua

Com a finalização do mapeamento, nos deparamos com a necessidade de ampliar as reflexões iniciadas em conversas, entrevistas e encontros com os artistas de Cidade Tiradentes. Dos grupos mapeados selecionamos quatro que imaginamos que melhor nos contariam, para a produção dos filmes etnográficos, as transformações da arte de rua em Cidade Tiradentes, e por meio desta, a transformação do distrito.

Em 2010, com apoio do Edital Etnodoc – Edital de Apoio a Documentários Etnográficos sobre Patrimônio Imaterial (IPHAN), realizamos o filme etnográfico **Lá do Leste**, curta-metragem que deu origem ao média **A arte e a rua**, finalizado em 2011 junto ao Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da Universidade de São Paulo (LISA-USP) e ao Instituto Pólis. Ambos os filmes estão disponíveis no Vimeo (<http://vimeo.com/lisausp/ladoleste> e <http://vimeo.com/lisausp/aartearua>) e no DVD que acompanha este livro.

Os filmes tiveram como principal temática o conflito da arte de rua em Cidade Tiradentes com as mudanças espaciais, políticas e socioculturais deste distrito. A transformação da arte de rua retratada nos filmes nos conta também sobre as tensões próprias da disputa pelo espaço público e pelo direito à comunicação.

Acompanhamos a experiência de quatro grupos ligados ao Hip Hop que cresceram junto com o distrito e em suas obras dialogam com seus desafios e sonhos: o coletivo 5Zonas (*graffiti*), o grupo de rap RDM – Rapaziada Do Morro, os B-Boys do Tiradentes Street Dancers e o grupo de rap gospel Relato Final.

Cabe notar que dentre os protagonistas dos filmes etnográficos estão dois pesquisadores-mo-radores do Mapa das Artes de Cidade Tiradentes: Bob Jay, rapper do RDM, e Daniel Hylario, um ativista cultural com grande proximidade com o universo artístico e com a juventude do distrito.

Os quatro grupos selecionados como protagonistas dos filmes não realizam uma leitura única da experiência cotidiana no território, não possuem visões homogêneas acerca das transformações pelas quais passa o distrito. Mesmo entre os membros de um único grupo, pudemos encontrar divergências que enriquecem os processos interpretativos e reflexivos de suas práticas artísticas.

Se, por um lado, na última década Cidade Tiradentes passa por um importante e intenso processo de reurbanização, com a chegada de escolas, subprefeitura, supermercados, hospital etc., por outro lado, os muros erguidos – e as novas regras e comportamentos que chegam com o processo de desenvolvimento da região – implicam perdas e transformações nem sempre positivas na visão de alguns dos artistas. Os muros – “cada vez mais altos” – correspondem à quebra da sociabilidade, para os integrantes dos grupos de rap; a conquista do espaço dos CEUs (Centros de Educação Integrados) para aulas de dança e campeonatos impõe o risco da burocratização da dança de rua; as ruas sem asfalto ou saneamento não são mais o tema das mensagens de reivindicação coletiva do Hip Hop; a necessidade de ganhar o pão e expandir a arte leva o *graffiti* para novos espaços além das ruas. E se os muros são, para alguns dos artistas retratados no filme, o símbolo forte da desagregação do Hip Hop, em outras falas, o apoio desigual da subprefeitura para as manifestações artísticas da região, o crime organizado e a diferença de gerações surgem como respostas para a “perda de linguagem”.

Nos filmes, exploramos metodologias participativas e experimentais de gravação. Uma das camadas narrativas é composta pelo que chamamos de etnografia dos grupos: um olhar sobre seus

deslocamentos no território, os equipamentos e espaços que utilizam para apresentações e ensaios, suas práticas artísticas, tipos de sociabilidade, e suas reflexões. Para dar conta desta narrativa, usamos as técnicas do cinema de observação e do participativo, em registros de ações cotidianas, das performances e de depoimentos e conversas informais.

A segunda narrativa explora a metodologia da “câmera-bastão”. Propusemos a alguns dos nossos “atores sociais” que levassem a câmera providenciada pela produção para registrar elementos de seu cotidiano sem a presença da equipe de gravação: poderiam gravar seu trabalho, o distrito, momentos com os amigos e a família, os preparativos para as apresentações, além de filmar livremente o que achassem interessante. Os resultados foram tão surpreendentes que formam parte significativa do corte final dos filmes.

A terceira narrativa dos filmes é a que chamamos de “experimental” ou “artística”. Foram coproduções em que equipe e atores sociais produziram juntos narrativas audiovisuais para expressar seus fazeres através das próprias linguagens artísticas. Esta narrativa foi experimentada no *stop motion* com o coletivo 5 Zonas e em um videoclipe com o grupo RDM (disponíveis no DVD).

Exibições e debates

A exibição para o público é o momento de concretização da experiência de produção do filme. Ali, o espectador completa o sentido da obra com a sua opinião, sua ênfase, seu olhar sobre o que é apresentado. Neste sentido, podemos dizer que não existe uma visão original e mais verdadeira que outra sobre uma obra. Nem a do roteirista ou diretor. A obra quando está no ar já não nos pertence mais. Ela é agora do mundo e passível a reinterpretações, refutações e ressignificações.

Na expectativa por esta diversidade de reapropriações da obra, organizamos em dezembro de 2011 dois encontros de exibição e debate do documentário *A arte e a rua*, sendo um no centro da cidade, no espaço Matilha Cultural e o outro na periferia, no Instituto Pombas Urbanas, em Cidade Tiradentes. Convidamos para o debate representantes do poder público, do terceiro setor, acadêmicos, produtores culturais, artistas locais e protagonistas do filme para garantir a pluralidade de olhares sobre a obra, imaginando também que tal encontro resultaria em uma série de tensões entre os diferentes pontos de vista, que ansiávamos conhecer.

Nossos interlocutores nos debates são os principais atores dos “Bastidores” deste livro. Impactados pelas cenas do filme, pela força de seus protagonistas, e a partir de suas reflexões e experiências particulares com a arte e a cidade, posicionam-se, criticam, trazem suas referências e abrem caminhos que podem ser percorridos por outros espectadores, como você, leitor, que é convidado a dar continuidade a este debate.

Agradecimentos

Em mais de três anos de pesquisa, foram muitos os amigos e colaboradores que contribuíram com nossas produções. Aos moradores e artistas de Cidade Tiradentes, equipes e apoiadores do Mapa das Artes, dos filmes *Lá do Leste* e *A Arte e a Rua* e deste livro, debatedores e participantes das sessões de lançamento dos filmes, leitores das primeiras versões deste texto: muito obrigada!

Carolina Caffé e Rose Satiko Gitirana Hikiji

dezembro de 2012





PERSONAGENS

BOB JAY – Jailson Oliveira da Silva é MC do grupo de rap RDM – Rapaziada do Morro. Conheceu os demais integrantes do grupo enquanto erguiam suas casas, junto com suas famílias, em mutirão no Barro Branco, setor de Cidade Tiradentes. Pesquisador do Mapa das Artes da Cidade Tiradentes. É um dos protagonistas dos filmes *Lá do Leste* e *A Arte e a Rua*.

CAROL CAFFÉ – Cientista social, documentarista, pesquisadora do Instituto Pólis, diretora dos filmes *Lá do Leste* e *A Arte e a Rua* e produtora do Mapa das Artes da Cidade Tiradentes. Nasceu e vive na Zona Oeste de São Paulo. Cansada do modelo urbano baseado no carro e nos privilégios dos bens privados, admira algumas das características de convivência e de produção coletiva próprias da periferia.

CREDO, EVE, HOPE, SOW, TOTA – Eduardo Marinho, Everaldo Matias, Anderson Aparicido, Eder Sandro e Antonio Duque são os grafiteiros do 5Zonas, coletivo formado em 2006, a partir de um encontro em Cidade Tiradentes, ponto de partida para os muros de toda a cidade, *all city*. Hoje os integrantes divergem sobre o destino do *graffiti*: “ruas ou galerias?”. Protagonizam os filmes *Lá do Leste* e *A Arte e a Rua*.

DANIEL HYLARIO – Cursa História, pesquisa em ONGs, organiza eventos e conecta grupos de artistas em Cidade Tiradentes. Daniel faz tranças afro, e a sua própria cabeleira às vezes fica solta, Black Power! É morador de Cidade Tiradentes desde a adolescência e é popular no bairro. Foi

pesquisador do Mapa das Artes, realizou a direção da câmera-bastão nos filmes e é narrador de *A Arte e a Rua*.

DENILSON e DUDA – Denilson Barcelos dos Santos e Carlos Eduardo Prudente, rappers do grupo de rap gospel Relato Final. Apresentam-se nos Cultos Black da Igreja Quadrangular de Cidade Tiradentes, ao lado de grupos de soul, samba, funk e rock. Acreditam poder passar melhor a mensagem de Deus através da música. Protagonizam a cena gospel nos filmes *Lá do Leste* e *A Arte e a Rua*.

DOUGLAS DE SOUZA MONTEIRO – Membro da Família RDM. A família é uma extensão do grupo de rap, composta por amigos, vizinhos e familiares que apoiam e acompanham o grupo. Frequenta os shows, divulga os eventos, compartilha ideais e participa dos churrascos e dos encontros nas *lan houses*.

ESTHER HAMBURGER – Professora da Escola de Comunicações e Artes da USP, antropóloga, é atualmente diretora do Cínusp Paulo Emílio. Pesquisa diferentes formas de apropriação dos mecanismos de construção da visualidade na produção cinematográfica e televisiva recente, especialmente em trabalhos que tratam da violência e da pobreza. Participou como debatedora do lançamento do filme *A Arte e a Rua*.

FÁBIO MALLART MOREIRA – Antropólogo que estuda criminalidade em São Paulo. Participou da sessão de lançamento e debate do filme *A Arte e a Rua*.

GABUKS – Fábio Torres, rapper do RDM, mora no Barro Branco com esposa e filha. É um dos protagonistas dos filmes *Lá do Leste* e *A Arte e a Rua*.

GIL MARÇAL – Coordenador do VAI – Valorização de Iniciativas Culturais, programa da Prefeitura de São Paulo de apoio à produção artístico-cultural principalmente de jovens de baixa renda e de regiões desprovidas de recursos e equipamentos culturais. Foi um dos debatedores da sessão de lançamento do filme *A Arte e a Rua*.

HAMILTON FARIA – Poeta, andarilho, coordenador da Área de Cultura e diretor do Instituto Pólis. Realiza atividades ligadas ao tema da Convivência e Cultura de Paz na cidade. Foi coordenador geral do Mapa das Artes da Cidade Tiradentes, e mediador da mesa de debate da sessão de lançamento do filme *A Arte e a Rua*.

HEITOR FRÚGOLI JR. – Professor do Departamento de Antropologia da USP, coordenador do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC/USP), pesquisa sociabilidade urbana, redes, territorialidades e intervenções urbanísticas. Participou dos dois debates de lançamento do filme *A Arte e a Rua*.

HENRI GERVAISEAU – Professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, cineasta, é presidente da Associação Vídeo nas Aldeias e diretor de *Entretempos*, documentário que acompanhou entre 2006 e 2011 a trajetória dos integrantes de um mutirão autogerido que por 10 anos construíram

um conjunto habitacional para cem famílias em Cidade Tiradentes. Participou como debatedor da sessão de lançamento do filme *A Arte e a Rua*.

IVAN SANTOS SILVA – Dançarino. Participou das origens da cena do Street Dance em São Paulo, na estação São Bento. Hoje organiza campeonatos e dá cursos de dança nos CEUs em Cidade Tiradentes, tudo por conta própria, sem apoio do poder público ou de ONGs. Protagonista dos filmes *Lá do Leste* e *A Arte e a Rua*.

JOÃO PAULO NASCIMENTO – Compôs, com Tiago Frúgoli, a trilha sonora do filme *A Arte e a Rua*. Participou da sessão de lançamento e debate do filme

PANIKINHO – Gildean Silva é MC do grupo Fator Ético da Cidade Tiradentes, ativista e pesquisador da cultura Hip Hop. Participou da sessão de lançamento e debate do filme *A Arte e a Rua*.

RICARDO COSTA MESQUITA – Educador, participou da sessão de lançamento do filme *A Arte e a Rua*.

ROSE SATIKO – Antropóloga, documentarista, professora do Departamento de Antropologia da USP, diretora dos filmes *Lá do Leste* e *A Arte e a Rua*, consultora do Mapa das Artes da Cidade Tiradentes. Desde 1999, tem pesquisado práticas artísticas nas periferias da cidade de São Paulo. Conheceu Cidade Tiradentes quando realizava *Cinema de Quebrada*, em 2005, documentário com coletivos periféricos de realização audiovisual.



CENA 1 - A ARTE E A RUA

EXT - RUAS DE CIDADE TIRADENTES - DIA

Membros da Família RDM conversam enquanto caminham pelas ruas do Barro Branco, setor de Cidade Tiradentes onde moram todos os integrantes do grupo de rap. Passam pelas casas erguidas por mutirões de autoconstrução. Crianças jogam bola e empinam pipa nas ruas, enquanto as mães conversam sentadas na calçada, em frente a suas casas. Há um clima de nostalgia quando o assunto é a força que o Hip Hop já teve na comunidade.

BOB JAY

Sabe o que aconteceu, tiozão? O bairro era estranho, era tudo igual, tá ligado? As casas eram todas iguais, e tinha uma harmonia entre a comunidade. Aqui não tinha muro, então a gente saía daqui, mano, e parava lá no quintal da outra esquina: "oi vizinha, falô vizinha, falô, falô". Era de araminho de madeira, dava pra passar por baixo... O nosso grupo, a gente se conheceu no mutirão, quando a gente levantava as fileiras de bloco na construção das casas. Depois, pela questão financeira, cada um foi se encaixando no seu quadrado. Cada um agora se vira.

DOUGLAS

Antigamente o bairro era rua de barro, nós esperávamos meia-noite pra sair água de um cano, e aquela fila enorme de gente com balde. Aí o rap retratava aquilo. Todo mundo gostava de ouvir porque era um protesto, todo mundo se unia pra protestar contra aquilo. Por uma rua asfaltada... Conforme nós fomos conseguindo isso, acho que as pessoas foram se dividindo.

BASTIDORES

Panikinho

Foi através do Hip Hop que a gente começou a se apropriar e desenvolver algumas ações, que poderiam se chamar de ações sociais, porque na época não existia ONG, associações. Tinham algumas lideranças do bairro, alguns militantes do movimento negro, algumas pessoas que vieram pra cá e que já eram lideranças populares de onde vinham, e nós, como jovens, desenvolvendo esse diálogo a partir da cultura. Houve um momento em que o Hip Hop tinha um público maior do que o do funk hoje. Era uma das únicas manifestações que tinha.

Ivan

Porque era tudo o momento, era tudo emoção, a gente gostava, a música contagiava, o cara cantando trazia uma ideia legal da minha vida, o cara dançando, o cara desenhando, o outro tocando, nossa, era uma coisa muito louca. E com o tempo, você vai crescendo, você vai atingindo o seu patamar profissional. Você vai começando a ir pra outros lugares, você não tá mais lá.

Bob Jay

O Hip Hop veio da rua e não está mais na rua. O *graffiti* veio da rua e também não está mais na rua. Os que estão na rua são os rebeldes, os que falam “não, eu sou da rua, na rua eu fico”! São os rap que estão na rua. RDM luta há 16 anos no movimento Hip Hop e organiza frente a frente com a favela o “A favela é nossa”. E é nós por nós! Tá entendendo? Não tem apoio de ninguém! E eu sinto falta dessa essência. Quando eu vim aqui pro 65, vi a Aliança Negra e o Força Ativa organizando o movimento do Hip Hop, o bagulho era um fervor danado, achava da hora. Você ficava 4, 5 horas aqui esperando pra cantar um som só, e saía satisfeito. Hoje você vai num lugar pra cantar, e se cantar um som só você sai revoltado! E conforme as coisas vão vindo, a gente vai evoluindo, a gente também tem uns não, né! Tem um CEU, tem uns espaços públicos, você quer utilizar também, mas é o lado burocrático que limita você chegar àquele acesso. E acho que isso aí atrapalha um pouco, você perde a essência, né mano? Nós perdemos a essência. E quando um vai, não leva todos. E os todos tão aqui. É mais ou menos isso aí.



Eve

É uma questão bem válida, o lance da conquista acabar tirando você um pouco do coletivo. Desde que eu comecei a pintar, as minhas referências eram os grandes painéis na Avenida 23 de Maio, pintados por 10, 15 caras, vindo gente de tudo que é lugar do mundo pra pintar. E esses mesmos caras são os que hoje assinam o nome individual, não assinam mais o tag, o nome da família, sabe? Mudou bastante.

Panikinho

Eu consegui atingir alguns dos meus objetivos com o Hip Hop. Hoje eu sou formado numa universidade, hoje eu tenho minha família, hoje eu tenho alguns bens materiais, e eu entendo que o Hip Hop foi o mediador disso. Então se eu acreditar que o Hip Hop não contribuiu com isso, vou achar que o Hip Hop foi sempre um fracasso na minha vida e vai ser sempre um fracasso, e não é!





CENA 2 - ELEFANTE BRANCO

EXT - RUAS DE CIDADE TIRADENTES - DIA

Daniel caminha por lugares emblemáticos da constituição do periférico distrito Cidade Tiradentes: passa por conjuntos habitacionais, feira livre, lava-rápido, mercado, salão de beleza, *lan house*, igreja, bar. Por onde passa, encontra e cumprimenta conhecidos e amigos, a maioria jovens como ele.

Daniel para em frente a um dos poucos campos abertos de futebol na região: os jogadores dividem o espaço com matos e bois que pastam no terreno. Do outro lado da rua, vê-se a construção de uma enorme obra que será o Centro Cultural Francês.

DANIEL

Também construíram uma escola ali, aí tinha um campo de futebol e não tem mais. Construíram aqueles outros prédios da CDHU [Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano], era um campo de futebol, não existe mais. As quadras que sobraram são cercadas, e o zelador do bairro trata o público como se fosse privado, não podem mais ser usadas em qualquer horário. Os aparatos públicos vêm... é legal, mas também tiram os lugares de convivência. Será que as pessoas vão ter acesso a este Centro Cultural? A maioria dos aparatos públicos fica fechada nos finais de semana, convidam pessoas de outra região para coordenar as atividades, são um verdadeiro "elefante branco" na comunidade.



BASTIDORES

Heitor

No caso de vários bairros periféricos, as conquistas de equipamentos urbanos levaram à perda de parte da sua população mais pobre, ou seja, já vem de longa data esse debate de que os ganhos acarretam novos desafios e contradições. Isto acontece normalmente em casos em que o Estado, digamos, chegou depois das pessoas. Cidade Tiradentes, como várias pesquisas já mostraram, representa uma área com problemas urbanos decorrentes não da ausência do Estado, mas da presença deste no âmbito local, já que se trata de um enorme conglomerado de habitações sociais agenciadas pelo poder público, que, entretanto não dotou tal espaço de uma urbanização mais consistente.



Carol

As primeiras habitações de Cidade Tiradentes foram construídas no início dos anos 1980, planejadas pelo poder público para abrigar a população de baixa renda, parte dela removida do centro da cidade em função de obras públicas e de especulação imobiliária. Ela está no extremo Leste, distante mais de 35 km do centro de São Paulo. Era como um “bairro-dormitório”, não contava com nada mais além das casas. Não havia escolas, hospitais, supermercados ou bancos, já pensou? Quando a região é reurbanizada, em 2003, quando é instalada a subprefeitura, ela recebe uma série de investimentos importantes relacionados à moradia, à saúde, educação e infraestrutura básica. Mas quando se fala em cultura, geralmente acontece um equívoco grande: a noção de que a população carece de cultura do mesmo modo que carece de alimentação ou asfalto. Esta ideia é perigosa pois pode ser o ponto de partida para a violação básica dos direitos culturais: a imposição da “boa cultura” em detrimento da cultura existente na localidade. Infraestrutura cultural é importante, desde que venha dialogar com as dinâmicas socioculturais existentes na localidade. Como disse a filósofa Marilena Chauí, numa cidade



polarizada por carências profundas e privilégios cristalizados como São Paulo, a política cultural de um órgão público precisa ir além da noção de cultura identificada com a esfera das belas-artes, e do papel de provedora de atividades e serviços culturais, e caminhar para uma concepção menos instrumental e capitalista da cultura, que reconheça os princípios da cidadania cultural, que é a noção de cultura como um direito dos cidadãos e como trabalho de criação.

Hamilton

Talvez a rua seja o grande lugar, como diria Mia Couto, *lugarizado*, onde a arte acontece fora dos templos da cultura. Eu acho que esse é um sintoma bastante saudável de apropriação do espaço público, onde as pessoas que muitas vezes não têm acesso, que muitas vezes não têm cidadania cultural, elas aproveitam e usufruem, e constroem o espaço da cidade através da arte.

Rose

Práticas artísticas como as que vemos em Cidade Tiradentes, o rap, a dança de rua, o *graffiti* são formas de pensar e criar sobre o mundo no qual estes jovens artistas vivem. São potentes formas de agir no mundo também. Estão relacionadas a ideais de transformação, mudança, questionamento. Mas também estão relacionadas a novas dinâmicas e espaços criados em processos desencadeados pelo mercado, pela igreja e pelo Estado. Precisamos entender o que é a rua quando pensada como espaço de risco e perigo por parte da população – e não de encontro e criação – assim como refletir sobre as implicações da apropriação das práticas da rua pelos espaços formais construídos pelo poder público, privado, pela igreja ou pelo terceiro setor. O que acontece quando o *graffiti* vai pro museu, quando o rap vai pra igreja? E ainda, o que acontece quando os “templos da cultura” chegam à periferia, como se dá o diálogo entre esse mundo das “belas-artes” e as formas locais de pensamento artístico?



www. **5 ZONAS** .COM.BR



CENA 3 - ALL CITY

EXT - RUA DO HOPE - DIA

Hope sai de seu apartamento, no setor dos Gráficos, em uma das unidades da COHAB em Cidade Tiradentes, e encontra seus colegas do coletivo 5Zonas no fim de sua rua. Conversam em frente ao muro que estão grafitando.

EVE

Hoje eu acho que não dá pra definir o que é o *graffiti*, ele tá passando por essas mutações, essas experiências, ele vai sentir várias coisas, vai passar por várias... tá entrando agora no museu, nas galerias...

CREDO

O que eu acho mais interessante dentro do *graffiti* é que ele tá passando por tudo isso de uma forma natural, ele não força a barra pra estar dentro do Masp, não força a barra pra estar dentro da casa da... da presidente do Itaú Cultural, tá ligado?

SOW

Ah, pra mim cara, sinceramente, o *graffiti* é o que tá na rua, cara, o que tá na rua é *graffiti*. Essa é a minha opinião particular...



BASTIDORES

Hamilton

A arte na rua vai construindo, vai redesenhando a cidade, vai reencantando a cidade, vai potencializando novos atores, vai construindo uma estética muito especial, apoiada na simplicidade, nas cores, na vida urbana ressignificada.

Eve

O *graffiti* tem o conceito do *all city*. Os primeiros *graffitis* em trens tinham essa intenção de espalhar a ideia do *graffiti* por toda a cidade. A gente pensou no nome 5Zonas, porque a gente não queria ficar só aqui na Zona Leste. A gente queria estar em toda a cidade.

Heitor

A rua pode ser vista como um espaço cuja simbologia está ligada à resistência, à inovação, à força coletiva e à não domesticação.

Ivan

Conheci a dança de rua na estação São Bento, que foi o berço do movimento Hip Hop paulista nos anos 1980. Aqui em Cidade Tiradentes começamos em 1990: treinávamos todo final de semana, era febre, todo mundo dançava na rua, no papelão. Tava todo mundo junto, o cara cantava, o cara dançava, outro cara desenhava.





Tota

Hoje o *graffiti* não é só Hip Hop. Tem ainda Hip Hop, mas a gente quer desenvolver outras ideias, dialogar com outras linguagens, estar em outros espaços, e não se fechar numa comunidade, “lutando por uma causa”...

Ivan

Quando surgiram os CEUs eu pensei: vou fazer evento no CEU, é um espaço público e eu vou me apropriar desse espaço público. Tá lá é pra gente usar, tem equipamento, tudo de graça, vamo lá! Não é fácil mesmo, tem que escrever um trabalho e apresentar, e falei: vou defender esse trabalho aqui. A gente fazia na rua e tudo o mais, e claro, chão legal pra dançar, quem é que não quer? Quem é que não quer cantar com microfone legal, quem é que não quer tocar com uma *pickup* legal? Todo mundo quer! Então tá lá o espaço, vou brigar por ele mesmo! (...) Aí a gente foi pras escolas, pros CEUs... Cada um foi ganhando seus espaços. Tem clube, tem academia, espaço coberto, tem música, tem infraestrutura. Hoje as batalhas existem nos campeonatos, não estão mais centralizadas nas ruas.





CENA 4 - MUROS INVISÍVEIS

EXT - PRAÇA NO SÍTIO CONCEIÇÃO - DIA

Daniel está sentado na praça. Meninos jogam bola e usam o balanço no pequeno playground. Da praça, avista-se parte do distrito, com os prédios dos conjuntos habitacionais padronizados e as vilas com casas auto-construídas.

DANIEL

(para a câmera)

Você tem pouco, então tem que usar a roupa do seu irmão; você é maior, então passa para o seu irmão mais novo. Isso as pessoas falam que é união, mas isso é a condição social que gera uma possibilidade de você contribuir pro outro não porque você queira, é uma condição que até te oprime, assim... Imagina, tem o déficit habitacional, e aí você namora e a sua namoradinha tá grávida e você não tem condições de pagar um aluguel, aí você coloca seu irmão pra sala e pega o quarto, coloca cama de casal, dorme você e sua namorada no quarto, sua mãe dorme no quarto com seu pai e seus irmãos dormem na sala. De uma certa forma, sua namorada incomoda seus irmãos. E aí é uma questão de luta por espaço vital. Porque a gente tem que ter espaço vital pra gente se desenvolver!

DANIEL

(pensativo)

A gente tem algo em comum que nos une, sabe? Mas também tem muita coisa que nos separa. Temos muros invisíveis.

BASTIDORES

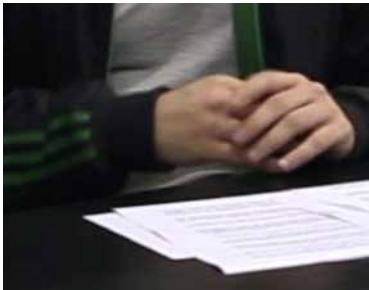
Heitor

O Daniel recupera uma tensão que permeia a construção da cidade pelos seus próprios habitantes, uma questão que já está na periferia há muitas décadas, onde o estar junto ou preservar certa individualidade sempre marcou os dilemas da construção simbólica das comunidades, empenhadas em ampliar o direito à cidade, mas também confrontadas pelo dilema entre mudar o bairro ou mudar de bairro.

Num certo sentido, a menção de Daniel a um passado onde se estava junto não deixa de ser uma construção de uma memória mítica, frente a um quadro onde “cada um agora se vira”, cada um por si, como dizem vários personagens ao longo de todo o filme. Passado mítico, portanto, esse que orientaria o projeto de um futuro urbano onde o “estar junto” nasceria principalmente de um desejo de partilha.







CENA 5 - PERMITIDÃO

INT - SUPERMERCADO/SUBPREFEITURA - DIA

Daniel passa pelas gôndolas repletas de produtos de consumo até chegar ao gabinete do subprefeito de Cidade Tiradentes. A subprefeitura localiza-se no interior do supermercado da região. Daniel chega ao gabinete do subprefeito. A intenção de Daniel como ativista cultural é entender por que a subprefeitura vem apoiando com maior ênfase o funk na comunidade.

SUBPREFEITO

A gente priorizou o funk porque é a linguagem que os jovens mais participam hoje. A questão é a seguinte: a gente tinha as carretas-palco que eram levadas pros bairros. Quando a gente fazia uma carreta-palco de rock, uma carreta-palco de outra linguagem, não tinha quase nada; a gente faz carreta-palco de funk e você coloca dez mil pessoas. Então, assim, o Estado, ele sempre tem que priorizar, quer dizer, o que é... digamos, o que a população quer. Você sabe por que eu acho que o funk virou na periferia e meio que engoliu o Hip Hop? Pelo seguinte: o Hip Hop ficou muito politizado, às vezes o cara que quer ir no baile, o cara quer ir se divertir, então, o cara não quer ouvir falar de coisas, digamos, sérias.

DANIEL

Ele gosta de se vestir bem, de ter mulheres bonitas, de ter roupas legais.

SUBPREFEITO

É, exatamente.

DANIEL

(rindo)

É o estilo descolado, eles são bem descolados, né?

SUBPREFEITO

Eu acho que é por isso que os caras conseguiram, né?

DANIEL

(sério)

Os caras arrastam multidões..

SUBPREFEITO

Multidões.



BASTIDORES

Gabuks

O nosso movimento, a nossa ideologia, é essa aí, tá ligado? Nós estamos fora do funk, nosso movimento é a verdade, relatar sempre o movimento certo. Qual é o apoio que esse pessoalzinho dá pras quebradas?

Bob Jay

O rap, mano, tem que invadir o sistema, tem que estar na rádio, na televisão, na internet, tá ligado? Porque é o mecanismo que a gente tem. O rap é e foi discriminado, e hoje ele tá com um espaço menos favorecido por falar “não”, e o “não” incomoda, tá ligado?

Carol

Os festivais de funk que a subprefeitura promove deixam evidente a política cultural que vem sendo adotada na região. Para ter apoio da subprefeitura os grupos de funk não devem falar palavrão ou fazer apologia ao crime. O curioso é que em outros contextos históricos esse mesmo movimento aconteceu também com o rap. Você vê? Não é apenas o mercado que se apropria e transforma as linguagens artísticas dos jovens para associá-las ao seu produto, à sua marca.

Rose

Este estilo, promovido pela subprefeitura, ficou conhecido como “Permitidão”, em um jogo de linguagem com o tradicional funk “Proibidão”. Enquanto



as letras do “proibidão” fazem apologia ao crime, drogas e promiscuidade sexual, o “permitidão” prega o bom comportamento, educação formal e a não violência. Domesticando o estilo que hoje é o mais presente na região, o poder público se aproxima da juventude, talvez seu principal eleitor.

Henri

É um discurso absolutamente lamentável o do subprefeito, desse cidadão brasileiro que acha que o mercado é o que o Estado deve abraçar.

Ivan

Não dá pra engolir! Ele fala que o Hip Hop é politizado, e não é isso que ele quer, ele quer a festa, que chama mais atenção. Querendo ou não, nem todo mundo gosta da mesma coisa, então o Estado vai apoiar só a grande maioria que gosta de uma coisa?

Daniel

O subprefeito vai apoiar aquilo que dá maior visibilidade, e também um voto não politizado. Quando o gospel ficou em alta aqui no bairro, o que o subprefeito fez? Dois festivais gospel, lotou o CEU. Mas o gospel não se sustentou, começou a perder linguagem, já não trazia mais pessoas pro CEU. Então ele falou assim: “qual é o próximo ritmo que vem?”. E vem outros, e parece que são todos descartáveis, né?



CENA 6 - BURACO BRANCO

EXT - MARGEM DE CIDADE TIRADENTES/CÂMERA-BASTÃO - DIA

Com a câmera na mão, no Morro do Urubu, Daniel registra sua conversa/entrevista com Denilson, rapper evangélico do grupo Relato Final.

DANIEL

Denilson, como você imagina Cidade Tiradentes daqui a dez anos?

DENILSON

Dez anos... de repente, se a gente tiver aqui vivo ainda, eu posso falar: "puta meu, não acredito, a Tiradentes virou um bairro nobre, a Tiradentes virou o Morumbi, a Tiradentes virou o Jardins!". Não sei, daqui a dez anos, né? Se eu tiver vivão aqui, mano, eu posso pensar nesse pensamento: a Tiradentes evoluiu, mano.

BASTIDORES

Heitor

A fala do Denilson expressa ideias de prosperidade e consumo bem próprias de um certo discurso religioso e evangélico.

Rose

O curioso é que essas ideias, de outra forma, estão presentes também no universo do Funk, que como o Daniel diz, canta o consumo, o sexo e o crime. O MC canta seu Rolex, bem de consumo de luxo ao qual teria acesso por meios ilícitos. Rolex, carrão, roupas de marca são bens que tornam aqueles que os possuem mais desejáveis. As armas também são objeto de ostentação e desejo, como nos mostram pesquisas em contextos marcados pela criminalidade, como as realizadas por Alba Zaluar, no Rio de Janeiro. Mulheres, Rolex e o crime como parte de uma mesma rede...

Daniel

Sei lá, Fico pensando... Igualdade pra quê, mano? Que tipo de igualdade nós queremos? Igualdade material? Ah, então todo mundo vai ter casa com piscina? Alguns tipos de igualdade que as pessoas querem ter é inviável, todo mundo ter o seu automóvel? Acho que o caminho que nós estamos criando é o caminho do buraco branco. O buraco negro é aquele que pega tudo e coloca pra dentro de si. São pessoas que guardam muita mágoa. O buraco branco é o contrário, é acreditar que tudo é prosperidade... as roupas são prosperidade, a modernidade é prosperidade, tudo é prosperidade e que tudo é rápido, que é passageiro e... pô, a gente tem acesso à internet e tem outra pessoa que não tem nem vídeocassete. Pô mano, até um homem de neandhertal conseguiu ter uma caverna e eu, um homem do século XXI, não consigo ter uma caverna.



Carol

Na periferia faltam muitas coisas mesmo. Mas é também ali na periferia onde tem acontecido uma apropriação da coisa pública e do território totalmente diferente da que presenciamos nas “áreas nobres” da cidade. Temos muito o que aprender ali. A periferia guarda também a possibilidade do novo! Um outro tipo de cidade e modo de vida que seja diferente daquele reproduzido no Jardins ou Morumbi. Eu particularmente acho horrível ver a cidade cheia de muros e carros e acho muito mais interessante as possibilidades de convivência e mobilidade que vocês tem aqui na periferia. Acho que isso deveria ser conservado e defendido pela comunidade. A “evolução”, como diz o Denilson na cena, não precisa ser de um tipo só. Será que somos capazes de não “comprar” o modelo de cidade que nos tentam vender e defender os espaços públicos da cidade e o bem comum? Gosto muito quando Jane Jacobs diz: “há um aspecto ainda mais vil que a feiúra ou a desordem patentes, que é a máscara ignóbil da pretensa ordem, estabelecida por meio do menosprezo ou da supressão da ordem verdadeira que luta para existir e ser atendida”.

Daniel

Mas aqui o pessoal não pensa assim. Na Vila Madalena tem um barzinho chamado Favela. Os bancos são rústicos e todo mundo quer frequentar. Na periferia se você faz um barzinho chamado Favela e coloca banco rústico ninguém vai frequentar! Porque ele quer modernidade, ele quer aquilo que ele não tem! As pessoas que têm conforto dentro de casa querem presenciar coisas rústicas. Agora, a pessoa que tem a vida inteira rústica, com telhado de zinco, ele quer presenciar coisas boas. Não é a toa que eles se afundam em várias prestações pra ter uma TV de plasma. Ele quer ter aquilo que ele não tem. No metrô, você vê as pessoas pobres com os tênis mais caros, as pessoas ricas com havaianas.





CENA 7 - MODINHA

EXT - SHOWS NAS RUAS DE CIDADE TIRADENTES - NOITE

O Grupo de rap RDM passa pelo evento de funk promovido pela subprefeitura. No folheto, lê-se o apoio da Red Bull, Funk-se Tour, CET, Sabesp, Guarda Civil Metropolitana, Polícia Militar do Estado de São Paulo. 14 MCs da região se apresentam, como Dede, Bomba, Wá, Thaah, Jê Bolado e Bonde TNT, além de ícones do funk carioca, como Sany Pitbull e Menor do Chapa. É fim de tarde e cerca de 2 mil pessoas estão concentradas na praça em frente ao Terminal Cidade Tiradentes. Os organizadores esperam 40 mil até o fim da noite.

Indignados com a moda do momento na comunidade, antigo berço do Hip Hop, os rappers do RDM saem pelas ruas escuras em direção ao Barro Branco, setor de Cidade Tiradentes onde o grupo mora. Lá, com o apoio da família e dos amigos, está acontecendo um show de rap organizado pela Família RDM. O palco é a rua (não há palanque) e o público não passa de 50 pessoas.

RDM

(cantando)

"...malandragem/ é você, mesmo, que eu estou chamando/
que analisa o som/ de mano para mano/ que se identi-
fica/ com a levada/ atitude é com nós/ muitos sabem
da jogada/ não, não!/ não interessa o estilo que você
anda/ aí modinha vai colar com a sua banca/ eu já
disse/ só pra resumir/ se liga aí/ o som taí/ é bom
ouvir/ pra conferir/ Jamais eu vou sair rebolando/
aqui é favela/ e não me desengano/ eu tô ligado que
vários manos pensa assim/ não tem tempo ruim/ chega
aí/ chega aí./ personalidade, quem sabe, sabe, sabe/
modinha, modinha/ é mó viagem."





BASTIDORES

BOB JAY

O funk veio quatro vezes pra São Paulo, tá ligado? Mas essa daí veio com mais potência, tiozão, por quê? Porque tem o poder, mano, o poder paralelo, a máfia, o crime, que tá investindo nesse bagulho, e o rap é discriminado. Se não é você correr pelo rap, tiozão, ninguém tem apoio. O apoio estrutural do rap são a família e os amigos. Mas a moda é essa, a linguagem do jovem é essa, é a geração dos anos 90 que tá vindo. Nossa geração é dos anos 80, tá ligado? Então, a nossa fúria, a nossa juventude que veio expondo um bagulho louco, se revoltando com o sistema, já acalmou hoje.

Por trás do movimento funk hoje há muita podridão, mas as pessoas não veem isso. O rap, pra chegar na minha casa, se a minha mãe fosse viva hoje, era um pouco mais complicado, porque falava palavrão, falava a realidade, nua e crua, tá ligado? E hoje, não! O funk tem uma linguagem erotizada, e invade qualquer casa, e as mães não tão nem aí com isso.

DANIEL

quando falam pro jovem “tenha um tênis”, é lógico que ele vai falar “Eu consigo isso”. Fala, “tenha uma mulher gostosa”, ele sabe que ele vai conseguir isso. Agora, se você fala pra ele “tenha um mundo socialista”, ele vai falar “nossa, você tá falando uma coisa que eu não vou ter”. Então, essa linguagem que fala do ter até mudou. Se você for pensar, as grandes influências da cultura periférica também tão mudando.





CENA 8 - CRIME

EXT - CHURRASCO NA CASA DO BOB JAY - DIA

Os membros da Família RDM estão reunidos com suas mulheres, filhos e amigos no quintal da casa do Bob Jay. O DJ do grupo comanda a mesa de som. Aproveitando o beat, improvisam e cantam músicas do próprio grupo, lembrando de épocas difíceis do distrito.

GRUPO RDM

(cantando)

"O diabo atenta/ quem não tem ideia certa/ não vou subir/
por causa de otário/ não vou ser atração/ de um carro funerário/
minha mãe não vai chorar/ em cima do meu corpo/ eu peço a paz/
para mim e para todos"
"Se desconversar vai pra debaixo da terra/ bota fé no rotei-
ro da favela/ se desconversar vai pra debaixo da terra/
o diabo atenta/ quem não tem a idéia certa"

BASTIDORES

Bob Jay

Lembram da época da guerra? O pessoal do bairro de cima não podia passar por aqui não. Todo dia morria um.

Gabuks

Quantos irmãos a gente perdeu! A gente é sobrevivente...

Fábio

O aparecimento do Primeiro Comando da Capital provocou um reordenamento nas relações, tanto nas quebradas quanto dentro das cadeias também. Como que vocês sentiram isso na própria... no cotidiano mesmo, a entrada dos “irmãos” dentro da quebrada?

Daniel

A geração da década de 90 sobreviveu no inferno, igual o Mano Brown fala, por muitos motivos bobos as pessoas morriam. Um colega meu perdeu um irmão numa briga de futebol, ele mandou o cara tomar naquele lugar e o cara mandou ele pro céu. Esse pacto social da não-violência feito pelas organizações não-oficiais foi feito na cidade inteira. Esse pacto de *não matarás*, parece bíblico, mas na periferia *não matarás* deu um equilíbrio maior. Na verdade é que a gente conciliou a paz da forma violenta, e como? Eu sou mais forte do que você, e se você mexer comigo, eu vou te matar. Aí tem também a questão do tributo de dinheiro. Eles também são um problema social, várias pessoas do bairro já começam a se incomodar com essa organização que deu estabilidade pro bairro. Tem brigas familiares que os caras interferem, eles não querem que você brigue com sua esposa, porque interfere no fluxo do dinheiro, por onde o dinheiro circula, porque traz polícia, vem viatura. Então não existe uma solução mágica pra humanidade! Nós estamos construindo essa relação. Mas essa paz feita da violência, ela é frágil! As pessoas não estão vindo a falecer por motivos banais, isso é um avanço. Mas essa questão, das organizações criminosas interferirem na vida pessoal das pessoas, já incomoda.

Bob Jay

Hoje dá pra vocês virem aqui, entrar na nossa casa, filmar. Antes não era assim, não. Ninguém entrava e saía sem autorização.

Daniel

É, hoje a comunidade convive com outros poderes... os três poderes: o comércio, a igreja e o crime.



CENA 9 - VIVER É CRISTO, MORRER É LUCRO

EXT - RUA/CÂMERA-BASTÃO - DIA

A dupla de rap evangélico Relato Final sai pelas ruas, chamando as pessoas para irem visitar a igreja. Param em frente a uma lan house e conversam com alguns conhecidos. É Daniel quem registra a cena com uma *handycam*.

DENILSON

Quer dizer que você tá meio afastado do caminho do senhor Jesus? Não quer fazer uma visita pra nós hoje aí na igreja?
Tem como, ou não?

RAPAZ

Hoje eu vou sair mano.

DENILSON

Vai sair, pra balada? Ó, o Jorge já falou que não vai poder ir por causa da mulher... eu falei pra ele: "mano, ó, a mulher é importante, mas reservar um minuto, um tempo pra Deus, é mais importante ainda", entendeu?

CORTA

INT - CASA DO DENILSON/CÂMERA-BASTÃO / NOITE

Denilson, antes de ir para a igreja, sentado no sofá de sua casa, responde para a câmera (quem filma é o Daniel).

DENILSON

O pessoal precisa muito de Deus, né mano? Parece brincadeira sair aí na rua pregando, evangelizando, mas é um bagulho sério, né? Não tô querendo me crescer, entendeu? Tô correndo por Cristo. Viver pra mim é Cristo, morrer pra mim é lucro, é assim que é. A gente corre atrás do quê? De evangelizar, de pregar. Eu não sou de pregar assim com a palavra, pegar a bíblia e sair pregando. Mas o meu tipo de pregação, de evangelismo é com a rima, eu consigo fazer nas minhas letras o que eu não consigo expressar com a bíblia na mão, entendeu?

BASTIDORES

Heitor

Nesse caso o culto religioso se apresenta como um espaço híbrido onde o rap se recompõe, sem os mesmos dilemas presentes em outras passagens do filme.

Daniel

A única linguagem que tem público, sem precisar da grande mídia, sem precisar do poder público, ou mesmo de qualquer poder paralelo, são os gospel, porque eles já tem a Igreja, onde as pessoas se encontram pra rezar, pra encontrar Deus.

Duda

Fazemos o Culto Black, onde se toca samba, rap, black, funk, toca de tudo, desde que tenha a palavra de Deus, que não seja apenas um culto. Onde você tem totalmente a liberdade de dançar, de cantar, de pular, isso que... normalmente, a gente que é jovem não quer ir pra uma igreja pra ficar só sentado ouvindo o pessoal falar, entendeu? Você quer ter liberdade. Você quer chegar, você quer subir no palco, você quer cantar, você quer falar, você quer expressar o que você sente. Antes da gente virar gospel e tudo, ser evangélico, a gente também era do mundão, a gente fazia muitas coisas erradas. E Deus, assim, praticamente resgatou a gente desse mundo, e hoje a gente tenta resgatar, né? Passando alguma experiência pros meninos sobre crime, sobre tráfico. Porque se a gente ficar só esperando a subprefeitura, a subprefeitura não vai fazer nada. É nós por nós mesmos e Deus por todos.





CENA 10 - MULHER

INT - CASA DO DENILSON - DIA

O rapper evangélico Denilson e Paula, sua mulher, assistem televisão na sala de casa. Disputam o controle remoto e conversam.

DENILSON

Coloca no jogo, rapidinho.

PAULA

Só assiste jogo, só quer jogar videogame, deixa eu escolher também.

DENILSON

Não dormi nada hoje.

PAULA

Por que?

DENILSON

Porque eu fui jogar bola de madrugada... depois eu voltei e fiquei jogando videogame, aí eu dormi.

PAULA

Que bom! (risos)

DENILSON

Mas é minha folga, filha, tenho que fazer alguma coisa, senão... vou ficar aqui só dentro de casa?

PAULA

É, igual eu, que fico aqui dentro de casa.

DENILSON

Quando eu tô no trabalho eu ligo pra você: "você tá aonde Paula?", "ah, eu tô aqui na minha irmã", onde Paula? "ah, tô no shopping".

PAULA

Hahaha... mentira!

DENILSON

Quando você tava com dinheiro você não ia pro shopping direto?

PAULA

Só com você!

DENILSON

Comigo amor?

PAULA

Deixa, que quando eu voltar a trabalhar eu vou combinar, vou sair com as meninas pro shopping.

DENILSON

Ah é, vai combinar? Com a minha autorização, claro, né?

BASTIDORES

Esther

Uma pergunta que eu queria fazer: cadê as mulheres no filme?

Rose

Não foram muitas as mulheres artistas que encontramos no universo da arte de rua em Cidade Tiradentes. Há mulheres protagonizando outros movimentos artísticos, mas no Hip Hop são uma minoria.

Daniel

O Hip Hop parece uma coisa feita de homem pra homem. Alguém tem que trabalhar, né? A maioria das famílias na periferia são chefiadas por mulheres, e aí os homens estão se readequando, passando por um processo...

Esther

Fazendo arte!

João Paulo

Alguns entusiastas do funk defendem a sensualidade como uma possibilidade de liberdade do corpo da mulher e da sua sexualidade. Meus amigos do Hip Hop criticam muito essa colocação do corpo do funk como um corpo muito sensual, e fica um dilema...

Ivan

No programa “A Liga”, outro dia, eu só vi duas bundas batendo na cara do homem... Aquilo é dança? Pra mim não é... Meu, isso não dá pra engolir! Mas toda a dança é sensual porque o corpo vai ter sintonia com a música, o street dance também tem sensualidade.

Daniel

É... Há um limite muito tênue entre a liberdade e a libertinagem. Mas, assim, não é só liberdade feminina no aspecto sexual, é liberdade feminina em todos os aspectos, entendeu? E a gente, os homens, não tá sabendo como se colocar. O mundo tá mudando, as coisas tão mudando, o ser humano tá se adaptando.





CID. TIRADENTES

EST. GUAIANSES

NEOSTAR



4 6507

E2L 3756

E1H 5988

CENA 11 - O PÃO

EXT - RUAS DE CIDADE TIRADENTES/CÂMERA-BASTÃO - MADRUGADA

Bob Jay já está na rua a caminho do trabalho e registra com a *handycam* os primeiros momentos do seu dia.

BOB JAY

(falando baixo)

São exatamente 04h40 e estou indo a caminho do serviço... esse é o meu dia a dia: levantar e trabalhar pra buscar o pão de cada dia pra família.

CORTA PARA

INT - ESTAÇÃO ITAQUERA - MANHÃ

Bob Jay encontra seu parceiro de trabalho no caminho. Gabuks é também membro do grupo de rap RDM.

BOB JAY
(pergunta)

Seis e cinco da manhã, rumo a onde?

GABUKS
(para a câmera)

Rumo ao trampo, só de peão, puxando um cabo até umas hora, certo? Nós canta rap, mas nós é peão também, mano. Ai ó, enquanto você está dormindo aí no soninho embaixo do cobertor, nós tá aqui, ó, os vagabundo, indo trabalhar pra levar o pão de cada dia pras mulher, certo?

CORTA PARA

INT - OBRAS/METRÔ - DIA

Bob Jay chega ao serviço. Seu trabalho é cabear as novas estações da linha Amarela do metrô.

BOB JAY
(mostrando o túnel em construção)

O túnel... Nosso trabalho é esse aqui, nossa profissão. Atravessar de uma estação a outra, colocando esses cabos aqui, ó. Se o metrô chegar a parar de funcionar, é uma responsabilidade nossa, algo errado fizemos. Nossa equipe tá longe pra dedéu, mas nós vamos caminhando, né, um quilômetro e meio pra nós é pouco, né... Trabalho aqui ó, debaixo do metrô.

CORTA PARA

BOB JAY
(saindo da obra)

Agora já são onze e meia... Vamo almoçar seus bando de morcego!



BASTIDORES

Daniel

Não é todo mundo que consegue sobreviver da arte. O grupo de *graffiti* 5 Zonas conseguiu um reconhecimento no bairro, pelos murais que eles fizeram, alguns com o apoio do Programa de governo VAI. Outros artistas ganharam espaço nos equipamentos públicos, o Cadu, por exemplo, foi empregado no Centro da Juventude de Tiradentes. Outros não conseguiram fazer da arte o ganha pão, igual ao Bob Jay, acordando 4 horas da manhã e fazendo a cidade continuar, entendeu? É essa a função... a história vai se repetir, ele vai ter que acordar de manhã cedo e fazer a cidade continuar a crescer também.

Ricardo

Pra mim essa cena é uma clara metáfora. Eles acordam muito cedo e vão fazer o que? Puxar cabos, estabelecer conexões, fazer andar de um lado ao outro a cidade. Tem uma brincadeira aí: quando eles fazem alguma coisa errada, eles, que são os artistas do filme, a cidade toda se atrapalha.



CENA 12 - UTOPIA

EXT - MARGEM DE CIDADE TIRADENTES - DIA

No Morro do Urubu, limite do território de Cidade Tiradentes, área de mata, ainda sem habitações, Daniel caminha enquanto reflete sobre seus sonhos e desejos em relação ao seu lugar.

(V.O.) DANIEL

Aqui é o fim da Cidade Tiradentes. Não existe o extremo porque daqui a pouco alguém vai ocupar esses espaços de Mata Atlântica e vai criar outro gueto.

Daniel sobe numa pedra grande de onde se pode ver toda a Cidade Tiradentes. O lugar é de mato e terra. Está na franja da cidade.

DANIEL

Daqui a dez anos, não sei, vai depender muito da articulação de cada morador aqui, de que tipo de vida ele quer ter. Se a gente se guiar pela classe rica, vamos construir mais muros e ter mais cachorros grandes pra proteger nossos filhos em vez de brincar com nossos filhos. Agora, se a gente quiser criar um conceito intermediário, uma casa com portão médio e um cachorro que ainda brinca com nossos filhos, talvez seja isso né? Eu não sei, a cultura também pode contribuir para isso.

Daniel desce e sai andando. Pode-se escutar baixinho a música que sai cantolando e a pergunta que faz para si próprio.

DANIEL

Já pensou? Poder colorir toda dor, pelo menos o mundo ia deixar de ser cinzento.

BASTIDORES



MARTIN LUTHER -
KING

EU TENHO UM SONHO HOJE!
... UMA NAÇÃO
EM QUE NÃO
SERÁS JULGADOS
PELA COR DE
SUA PELE, MAS
PELO CONTEÚDO
DE SEU CARÁTER

BASTIDORES

Heitor

Daniel parece sintetizar apreensões que atravessam as falas do filme, com um cabedal significativo de conceitos (sociabilidade, igualdade, individualidade, prosperidade) que, por fim, ganham um alto teor de utopia ao imaginar como seria, nas palavras dele, “colorir toda a dor”, enquanto caminha por espaços recortados apenas por picadas, que simbolizariam uma fronteira de urbanização, mas também um espaço de um possível reinício, marcado por novos códigos, mais humanos, de relações, onde todos estariam juntos (novamente) por livre escolha.

Carol

Daniel é um filósofo, e sempre está buscando a cidade ideal. E pra que serve a utopia? Eduardo Galeano, citando o Fernando Birri, fala que a utopia está lá no horizonte. Conforme a gente se aproxima, ela se afasta. Caminhamos dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que a gente caminhe, jamais a alcançamos. Então para que serve a Utopia? Serve pra isso: para que não deixemos de caminhar.

CENA 13 - NÓS E ELES

EXT - RUAS DE CIDADE TIRADENTES - DIA

Daniel está sentado em frente ao campo de futebol. Conversa com a equipe de filmagem.

DANIEL

(para a câmera)

O que me tornou melhor... foi querer chegar - é uma perspectiva meio ilusória - conseguir chegar num lugar onde pessoas que tem a mesma classe social que eu, a minha mesma origem, não conseguem chegar, sendo eu mesmo, sem ser caricatura, sem ser o Muçum, sem ser o Buiiu, né? Sendo eu mesmo, assim, é... o mesmo, eu tô até me emocionando...

DANIEL

(interrompe e chora)

Assim, a mesma humanidade que o outro tem eu quero ter...

(enxuga lágrimas e retoma)

Ter a oportunidade de estar junto mas não porque você não tem opção, mas porque você realmente quer estar junto.

BASTIDORES

Ivan

Meu, vive lá que você vai entender! É fácil falar porque você tá aqui, na sua zona de conforto, mas vai pra lá pra você ver como é que é. Perdão, eu sei que tem muitas pessoas que estudam, estudam, estudam, mas vai lá e conversa com a gente, conhece o nosso dia-a-dia na verdade, fica lá pra você ver como é que é realmente.

Rose

Ivan, nós nunca vamos ser de Cidade Tiradentes, nós temos... existe uma impossibilidade, e a gente tenta se aproximar por meio de vocês, do que vocês nos apresentam como Cidade Tiradentes. Mas eu acho que essa experiência é exclusiva de vocês. Vocês nos apresentam essa experiência de formas densas, por meio da arte de vocês, por meio da fala, das reflexões, os problemas que a gente ouve e compartilha.

Hamilton

O discurso todo que emana desse filme é um discurso da existência, nós queremos viver, nós queremos apropriar... O Daniel inclusive é muito feliz nas suas afirmações ali: "eu quero ser, não quero ser o outro, eu quero ser. Mas eu quero ser nesse lugar, nesse lugar onde eu nasci, onde eu tenho minhas relações, onde eu tenho inúmeros sentidos, vividos, significados de existência."

Panikinho

Olho o vídeo e fico pensando como seria sem a fala do Daniel no decorrer do vídeo todo! Entende? Narrando isso tudo, e amarrando todas as falas de todo mundo! Porque isso é extremamente importante. Talvez, o maior teórico dentro do espaço universitário não conseguisse traduzir de forma tão interessante o que ele traz. Mas por que? Porque ele tem a vivência, ele tem o conhecimento, conhece o bairro, conseguiu entender essa transformação de lá pra cá e tal.



Referências bibliográficas

- ALVARENGA, Clarice C. & HIKUJI, Rose Satiko G. "De dentro do bagulho: o vídeo a partir da periferia". In FERRARI, HIKUJI et ali (orgs.). *Sexta-Feira - Antropologias, Artes e Humanidades - Periferia* (8). São Paulo, Editora 34, 2006.
- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. & HIKUJI, Rose S. G. *Imagem-conhecimento. Antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas, Papirus, 2009.
- BUSTAMANTE, Javier. "Poder comunicativo, ecossistemas digitais e cidadania digital". In SILVEIRA, S. A. (org.). *Cidadania e redes digitais*, São Paulo: Comitê Gestor da Internet, 2010.
- CAFFÉ, Carolina & HIKUJI, Rose Satiko G. "A arte e a rua: uma experiência colaborativa audiovisual com artistas de Cidade Tiradentes". In *Revista de Cultura e Extensão*, v.7, 2012. Disponível em http://www.prceu.usp.br /pu_revista.php#.UDgRQXA4rOc
- CAFFÉ, Carolina & HIKUJI, Rose Satiko G. "Filme e antropologia compartilhada em Cidade Tiradentes". In COLE, A. & RIBEIRO, J. S. (orgs.). *Antropologia, arte e sociedade*. 7o. Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens. São Paulo, Altamira Editorial, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CAMPOS, Ricardo. *Por que pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano*. Lisboa, Fim de Século, 2010.
- DURHAM, Eunice R. *A dinâmica da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2004.
- FERNANDES, Michelle; HYLARIO, Daniel & JAY, Bob. *Jovens da Cidade Tiradentes: de onde ecoam suas vozes?* São Paulo, Instituto Pólis, 2008.
- FRÚGOLI JR., Heitor. "O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia". *Revista de Antropologia* vol. 48, nº 1, Departamento de Antropologia da USP, jan.-jul./2005.
- GALEANO, Eduardo. *Las palabras andantes*. México, Siglo XXI, 1994.
- HIKUI, Rose Satiko G. *A Música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens participantes de um projeto social de ensino musical*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2006.
- HIKUI, Rose Satiko G. "Imagens que afetam: filmes da quebrada e o filme da antropóloga". In: GONÇALVES, M.A.; HEAD, SCOTT. (Orgs.). *Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro, 7LETRAS, 2009.
- HIKUI, Rose Satiko G. "Sentidos da imagem na quebrada". In Leonel & Mendonça (orgs.). *Audiovisual comunitário e educação: Histórias, processos e produtos*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010, v.1.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- NICHOLS, Bill. "Que tipos de documentários existem?". In NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Campinas, Papirus, 2005.
- PIAULT, Marc-Henri. *Anthropologie et cinema*, Paris, Nathan, 2000.
- RIZEK, Cibele S. "Trabalho, moradia e cidade: zonas de indiferenciação?" *Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol. 27, n. 78, ANPOCS, fev./2012.
- ROUCH, Jean. "The camera and man". In HOCKINGS, Paul. *Principles of visual anthropology*. Berlin/New York, 1995.
- TAVARES, L. E. & PEREIRA, N. 2011. "A transparência pública na era digital". *Anais do V Simpósio Nacional da ABCiber*, UFSC. Acesso em 1/04/2012. Disponível em <http://issuu.com/lucaspretti/docs/atransparenciapublicanaeradigital/1>
- USINA Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado. Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano / Prefeitura do Município de São Paulo / Programa "Cities Alliance". Plano de Ação Habitacional e Urbano – Programa Bairro Legal, Julho de 2003.
- ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.

Sites:

ladoleste.fflch.usp.br

vimeo.com/lisausp

www.cidadetiradentes.org.br

www.fflch.usp.br/da/antropologiacompartilhada/blog

www.polis.org.br

www.polisdigital.com.br

LÁ DO LESTE – UMA ETNOGRAFIA AUDIOVISUAL COMPARTILHADA

LIVRO

Foto de capa: Rose Satiko Gitirana Hikiji

Projeto gráfico e diagramação: Gerson Tung

Revisão: Denise Dognini

Apoio: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo

Impressão: Rettek Artes Gráficas e Editora

Créditos de fotografias do livro

Éric Brochu: p. 4/5, 10/11, 14, 16/17, 21 (base), 22, 24 (topo a esquerda), 26, 28, 29, 34, 36/7, 47, 52, 58/59

Nathalie Ferreira: p. 33, 45

Rosana Shimura: p. 18, 21 (centro), 32, 33, 38, 40, 48

Rafael Nobre (frames de *A Arte e a Rua*): p. 20, 24 (topo a direita), 25, 30, 41, 42, 55, 56, 61

Rose Satiko Gitirana Hikiji: p. 51, 21 (topo e centro)

DVD

DVD *Lá do Leste – Uma etnografia audiovisual compartilhada*

Concepção Carolina Caffé e Rose Satiko Gitirana Hikiji

Autoração Ricardo Dionísio

Arte (título) Felipe Félix

Músicas (temas da trilha sonora de *A Arte e a Rua*) João Paulo Nascimento e Tiago Frúgoli

Design (rótulo) Gerson Tung

Realização Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP (LISA-USP), Instituto Pólis, Pólis Digital

Apoio Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP

FILME

Lá do Leste

<http://vimeo.com/lisausp/ladolest>

NTSC, cor, 28 min, 2010

Sinopse:

Lá do Leste, do lugar onde a cidade termina (ou começa), chegam rimas, gestos e cores que marcam o espaço. A experiência periférica urbana é a base e o motivo da produção dos artistas de Cidade Tiradentes, que cresceram junto com o distrito paulista e em suas obras dialogam com seus desafios e sonhos.

Direção, pesquisa e roteiro Carolina Caffé e Rose Satiko Gitirana Hikiji

Montagem e Roteiro de montagem Karine Binaux

Direção de Fotografia Rafael Nobre

Direção de handycam e produção local Daniel Hylario

Produção Paulo Dantas

Produção executiva Carolina Caffé e Rosana Shimura

Técnico de Edição (LISA) Ricardo Dionísio

Animação (*graffiti*) Andre Farkas e Arthur Guttilla

Trilha sonora original Thomas Rohrer

Design sonoro pós-produção de áudio Ewelter Rocha e Mauro Darcio

Imagens adicionais (“câmera-bastão”) Daniel Hylario, Bob Jay e Michelle Fleury

Assistente de fotografia André Peniche

Som direto Tomires Ribeiro

Arte (título) Felipe Félix

Assistente de pesquisa e produção Nathalie Ferreira

Co-produção Movie&Art, LISA-USP, Instituto Pólis e W.S. Produções

Realização Etnodoc - Edital de Apoio a Documentários Etnográficos sobre Patrimônio Imaterial, Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edson Carneiro, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, IPHAN, Ministério da Cultura

Patrocínio: Petrobrás, Lei de Incentivo à Cultura MINC

FILME

A arte e a Rua

<http://vimeo.com/lisausp/aartearua>

NTSC, cor, 44 min, 2011.

Sinopse:

Cidade Tiradentes, distrito no extremo Leste de São Paulo, lugar onde a cidade termina, nas palavras de Daniel Hylario, nosso narrador. O filme segue a vida e as transformações do *street dance*, *graffiti* e *rap* neste lugar considerado o maior complexo de conjuntos habitacionais populares da América Latina, marcado pela exclusão, no qual a população orchestra suas dificuldades com dinâmicas próprias de sociabilidade, moradia, e apropriação do território.

Direção, pesquisa e roteiro Carolina Caffé e Rose Satiko Gitirana Hikiji

Montagem e Roteiro de montagem Douglas Guedes e Karine Binaux

Direção de Fotografia Rafael Nobre

Direção de handycam e produção local Daniel Hylario

Produção Carolina Caffé e Rose Satiko G. Hikiji

Técnico de Edição (LISA) Ricardo Dionisio

Animação (graffiti) Andre Farkas e Arthur Guttilla

Trilha sonora original João Paulo Nascimento e Tiago Frúgoli

Pós-produção de áudio Beto Ferraz

Imagens adicionais (câmera-bastão) Daniel Hylario, Bob Jay e Michelle Fleury

Assistente de fotografia André Peniche

Som direto Tomires Ribeiro

Arte (título) Felipe Félix

Assistente de pesquisa e produção Nathalie Ferreira

Co-Produção LISA-USP, Instituto Pólis e W.S. Produções

Apoio Etnodoc e Fapesp

Projetos de pesquisa:

Cartovideografia Sociocultural da Cidade Tiradentes

www.cidadetiradentes.org.br

Realização: Instituto Pólis.

Apoio: Centro Cultural da Espanha_SP

Projeto Temático - Antropologia da Performance: Drama, Estética e Ritual

Apoio: FAPESP

Projeto temático - A experiência do filme na Antropologia.

Apoio: FAPESP

DEBATES

Debates nos lançamentos do filme *A Arte e a Rua*

No espaço Matilha Cultural, centro de São Paulo, em 7 de dezembro de 2011

No Instituto Pombas Urbanas, em Cidade Tiradentes, Zona Leste de São Paulo, em 9 de dezembro de 2011

Roteiro Carolina Caffé e Rose Satiko Gitirana Hikiji

Fotografia Ricardo Dionisio e Florence de Bonna Rodrigues

Edição Ricardo Dionisio

Realização Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP), Pólis Digital e Instituto Pólis

Apoio Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, Cultura Viva, Ponto de mídia livre, Ministério da Cultura, Instituto Pombas Urbanas, Matilha Cultural

EXTRAS

Videoclipe Barro Branco – RDM

<http://vimeo.com/lisausp/barro-branco-rdm>

Direção Carolina Caffé e Rose Satiko Gitirana Hikiji

Fotografia Rafael Nobre

Roteiro RDM, Daniel Hylario, Carolina Caffé e Rose Satiko

Edição Ricardo Dionisio

Stop Motion 5Zonas

<http://vimeo.com/lisausp/5zonas>

Fotografia, montagem e trilha sonora Andre Farkas e Arthur Guttilla

Grafitagem Coletivo 5Zonas

Mapa das Artes de Cidade Tiradentes (sinopse)

www.cidadetiradentes.org.br

Realização Instituto Pólis

Apoio Centro Cultural da Espanha em São Paulo (CCE_SP)

Coordenação Hamilton Faria

Produção executiva Carolina Caffé e Luis Eduardo Tavares

Consultoria etnográfica Rose Satiko Gitirana Hikiji

Consultoria audiovisual Eliane Caffé

Pesquisadores-moradores Bob Jay, Cláudia Canto, Cláudio Tio-Pac e Daniel Hylario

Edição dos vídeos do Mapa Núcleo de Comunicação Alternativa - NCA



LABORATÓRIO DE IMAGEM E SOM EM ANTROPOLOGIA - USP



PÓLIS DIGITAL

ETHODOC

Secretaria do Audiovisual

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

BR PETROBRAS



Conhecemos Cidade Tiradentes, distrito no extremo Leste de São Paulo, a partir de seus artistas. Por três anos, produzimos juntos um mapeamento das artes locais e dois documentários. As obras destes artistas, suas inquietações, nossas conversas, a produção conjunta de pesquisas e filmes formam um mosaico de imagens, sons, cores, ideias, frases, sonhos, dúvidas e conflitos, que são a matéria prima deste livro.

Produzidas em coautoria com os artistas de Cidade Tiradentes, as imagens, experiências e reflexões aqui apresentadas resultam de um projeto de Antropologia Compartilhada, na qual a etnografia é também pensada como forma de contribuição para uma participação mais efetiva dos artistas e moradores dos distritos periféricos nos processos de reflexão e participação sobre os caminhos da nossa cidade.